

Os Borun do Watu, conhecidos como Krenak, são um grupo indígena que dominou parte do vale do rio Doce até o início do século XX. Eles são os últimos sobreviventes da nação dos Botocudos do Leste Brasileiro, nome atribuído pelos portugueses aos grupos indígenas que utilizavam adornos auriculares e labiais. Foram vítimas de constantes massacres com armas de fogo na tentativa de catequização, pacificação e invasão de suas terras pelos brancos.

Foi muito difícil resistir e sobreviver aos conflitos com os colonizadores. Hoje, os Krenak são 95 famílias com uma população crescente de 250 pessoas, ocupando uma área de quatro mil hectares, na margem esquerda do rio Doce, no município de Resplendor, Minas Gerais, restituída a eles em 1997, com grandes dificuldades, por decisão do Supremo Tribunal Federal.

A partir da reconquista de parte de suas terras, o povo Krenak busca continuar o seu projeto de vida. A maior dificuldade encontrada é a reestabilização no seu "antigo-novo-território", agora totalmente modificado e sem os recursos naturais que existiam e de que precisavam. Com isso, as atividades tradicionais como a caça e coleta de frutos e sementes sofreram drásticas alterações. As principais atividades econômicas na aldeia, hoje, são a agricultura, a pesca e a pecuária.

Esses índios pertencem ao grupo

lingüístico Macro-Jê, falando a língua denominada Borun. Vários nomes de animais, plantas, comidas, acidentes geográficos e cidades da bacia pertencem à sua língua, como Naque (terra), Cuparaque (onça-pintada), Pocrane (cabeça do dedo) e Tarumirim (céu pequeno). Os principais afluentes do Doce também possuem nomes herdados dos Borun, a exemplo do Piracicaba, Suaçuí e Pancas. Através da criação da escola indígena montada na aldeia, um convênio entre a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Governo do Estado, foram capacitados três professores e duas índias, encarregados de ensinar a língua e a cultura Krenak às crianças.

O conflito fundiário do Parque Estadual Sete Salões, situado nos municípios de Resplendor, Santa Rita do Itueto, Conselheiro Pena e Itueta, é hoje o grande impasse envolvendo o povo Krenak, fazendeiros e Governo de Minas Gerais. Os índios foram expulsos de lá há cerca de 70 anos e hoje estão com ação na Justiça Federal para anular o decreto que criou o Parque, em 1998. Por considerarem o local sagrado, eles reivindicam a sua imediata unificação com a atual área indígena, já demarcada e homologada. Atualmente, a serra e as pinturas rupestres existentes no Parque são símbolos fortes utilizados pelos jovens Krenak na reafirmação da sua identidade étnica.



O rio Doce é pai e mãe do nosso povo. É ele que nos dá alimento e a cura para nossos espíritos. Portanto, os malefícios que a sociedade faz ao Doce, faz ao meu povo também.

Douglas Krenak, coordenador do Conselho dos Povos Indígenas de Minas Gerais e liderança da aldeia



Durante a construção da estrada de ferro Vitória-Minas, os Krenak chamavam a locomotiva maria-fumaça de "Guapó", monstro que vomita fumaça. De acordo com relatos do povo Krenak, os índios tentavam parar o trem com as próprias mãos e acabavam morrendo. Não conseguindo vencer a força do Guapó, eles saíam à noite ao longo da linha férrea para arrancar os trilhos, que iam a cada dia invadindo e atravessando o seu território.